

**RIO PACOTY:**  
Descarga em Acarape do Meio (bacia hydrographica 400 km<sup>2</sup>.):

	Chuvras Acarape do meio	1911/1912		Escoamento				
		Descarga						
	mm.	metros cubicos	%					
Dezembro.....	126	712.800	1,4					
Janeiro.....	242	561.600	0,6					
Fevereiro.....	293	8.134.500	6,9					
Março.....	399	16.740.000	10,5					
Abril.....	322	38.890.400	26,4					
Maió.....	179	16.633.600	23,3					
Junho.....	120	5.184.000	10,8					
Julho.....	14	3.348.000	60,6					
Agosto.....	40	2.764.800	17,2					
Setembro.....	10	1.296.000	32,3					
Outubro.....	0	1.036.800	0					
Novembro.....	0	921.600	0					
<b>Total.....</b>	<b>1.743</b>	<b>91.244.100</b>	<b>13,1</b>					

**RIO COREÁHU' OU CAMOCIM:**  
Descarga em Granja (bacia hydrographica 3.600 km<sup>2</sup>.):

	Chuvras Granja, Viçosa, Tiangúá, Ibia- pina	1911/1912		Escoamento	Chuvras Idem, idem	1912/1913		Escoamento			
		Descarga				Descarga					
	mm.	metros cubicos	%		mm.	metros cubicos	%				
Dezembro.....	113	0	0	0	5	0	0	0			
Janeiro.....	213	12.614.400	1,4	76	691.200	0,2					
Fevereiro.....	414	277.084.800	18,6	306	59.529.600	5,4					
Março.....	395	272.160.000	19,1	447	266.371.200	16,5					
Abril.....	336	293.414.400	24,2	310	253.052.800	22,8					
Maió.....	277	261.792.000	26,2	278	176.688.000	17,6					
Junho.....	45	24.451.200	15,4	72	28.598.400	11,0					
Julho.....	16	5.162.400	8,9	0	0	0					
Agosto.....	0	2.831.200	0	0	0	0					
Setembro.....	0	2.392.000	0	0	0	0					
Outubro.....	0	604.800	0	0	0	0					
<b>Total.....</b>	<b>1.841</b>	<b>1.452.727.200</b>	<b>17,4</b>	<b>1.494</b>	<b>786.931.200</b>	<b>14,6</b>					

**RIO JAIBARA:**  
Descarga em Sobral (bacia hydrographica 900 km<sup>2</sup>.):

	Chuvras Sobral, S. Bene- dicto, Campo Grande	1911/1912		Escoamento	Chuvras Idem, idem	1912/1913		Escoamento	Chuvras Idem, idem	1913/1914		Escoamento
		Descarga				Descarga				Descarga		
	mm.	metros cubicos	%		mm.	metros cubicos	%		mm.	metros cubicos	%	
Dezembro.....	88	0	0	0	5	0	0	0	62	3.344.000	6,0	
Janeiro.....	200	2.831.200	1,6	103	0	0			234	8.957.000	6,2	
Fevereiro.....	356	33.091.200	10,3	293	14.947.200	5,6			202	10.887.000	6,0	
Março.....	439	70.675.200	17,8	388	67.824.000	19,4			173	16.589.000	10,7	
Abril.....	331	73.699.200	24,7	278	76.636.800	30,6			214	21.773.000	21,3	
Maió.....	264	56.592.000	23,8	189	30.499.200	17,9			96	8.510.000	9,8	
Junho.....	59	4.579.200	8,6	96	5.166.720	5,9			127	994.000	0,6	
Julho.....	0	0	0	0	0	0			47	389.000	0,9	
<b>Total.....</b>	<b>1.737</b>	<b>241.488.000</b>	<b>15,4</b>	<b>1.358</b>	<b>195.073.920</b>	<b>15,9</b>			<b>1.155</b>	<b>71.443.000</b>	<b>6,9</b>	



Bacia do Jaguaribe

RIO SALGADO: Descarga em Lavras (bacia hydrographica 8.000 km<sup>2</sup>):

	1910-1911			1911-1912			1912-1913		
	Chuvras Lavras Milagres Barbalha Crato	Descarga metros cubicos	Escoramento %	Chuvras Lavras Milagres Barbalha Crato	Descarga metros cubicos	Escoramento %	Chuvras Lavras Milagres Barbalha Crato	Descarga metros cubicos	Escoramento %
Dezembro	248	79.036.000	4,5	101	0	0	4	0	0
Janeiro	224	94.608.000	5,3	114	5.875.200	0,6	87	9	0
Fevereiro	54	0	0	421	301.017.600	9,0	272	81.129.600	3,7
Março	245	403.853.000	5,3	490	110.764.800	7,3	238	474.700.800	9,1
Abril	0	0	0	94	2.392.000	0,3	164	12.950.000	0,9
Maior	0	0	0	32	4.147.200	4,6	91	0	0
Junho	0	0	0	0	0	0	25	0	0
Julho	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	741	277.547.000	4,7	952	424.395.800	5,5	881	268.790.400	3,8

RIO BANABUIU: Descarga em S. Pompeu (bacia hydrographica 3.750 km<sup>2</sup>):

	1911-1912			1912-1913			1913-1914		
	Chuvras B. Cou- stant S. Pompeu	Descarga metros cubicos	Escoramento %	Chuvras B. Cou- stant S. Pompeu	Descarga metros cubicos	Escoramento %	Chuvras B. Cou- stant S. Pompeu	Descarga metros cubicos	Escoramento %
Dezembro	43	0	0	0	0	0	0	0	0
Janeiro	446	1.205.000	2,4	72	0	0	73	92.880.000	42,2
Fevereiro	245	341.884.800	37,5	285	29.721.600	8,0	203	28.080.000	7,9
Março	220	120.528.000	14,6	444	43.718.400	10,1	115	42.941.000	9,0
Abril	490	220.492.800	30,9	233	96.768.000	15,5	182	27.997.000	4,0
Maior	186	320.544.000	46,0	173	404.606.450	15,6	155	47.002.000	8,0
Junho	67	28.857.600	11,5	140	64.627.200	0	262	73.526.000	7,6
Julho	0	0	0	0	0	0	115	95.126.000	22,6
Agosto	0	0	0	0	0	0	97	43.392.000	3,7
Setembro	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	1.095	1.033.603.200	25,2	1.037	336.441.650	8,6	1.297	430.358.000	8,8

RIO QUIXERAMOBIM (afuente do Banabuiu): Descarga em Quixeramobim (bacia hydrographica 6.763 km<sup>2</sup>):

	1911-1912			1912-1913		
	Chuvras Descanço B. Viagem	Descarga metros cubicos	Escoramento %	Chuvras Descanço B. Viagem	Descarga metros cubicos	Escoramento %
Dezembro	36	0	0	2	0	0
Janeiro	120	0	0	57	0	0
Fevereiro	230	92.707.200	3,5	285	112.570.200	5,2
Março	443	139.667.200	14,7	248	450.595.200	7,9
Abril	230	385.237.600	23,0	158	135.043.200	11,2
Maior	433	231.897.600	22,0	99	107.308.800	14,2
Junho	28	53.395.200	25,0	94	32.313.600	4,6
Julho	42	5.313.600	5,8	0	0	0
Total	933	928.328.400	13,1	940	537.840.000	7,5



**RIO PALHANO:**

Descarga em Santo Antonio de Russas (bacia hydrographica 1.250 km.<sup>2</sup>):

	Chuvvas Santo Antonio de Russas	1911 — 1912			1912 — 1913			1913 — 1914		
		Descarga	Escoamento	Chuva Idem idem	Descarga	Escoamento	Chuva Idem idem	Descarga	Escoamento	
	mm.	metros cubicos	%	mm.	metros cubicos	%	mm.	metros cubicos	%	
Dezembro.....	39	0	0	0	0	0	0	0	0	
Janeiro.....	78	0	0	17	0	0	271	30.931.000	9,1	
Fevereiro.....	342	4.209.600	0,2	208	0	0	137	46.157.000	9,4	
Março.....	170	16.243.200	7,6	276	115.084.800	33,1	140	11.578.000	8,4	
Abril.....	303	211.420.800	55,6	163	66.009.600	32,4	118	11.837.000	8,0	
Maió.....	116	68.515.200	47,3	216	48.902.400	18,1	111	6.912.000	5,0	
Junho.....	62	950.400	1,2	83	0	0	0	0	0	
Julho.....	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
<b>Total.....</b>	<b>1.110</b>	<b>298.339.200</b>	<b>21,6</b>	<b>965</b>	<b>229.996.800</b>	<b>18,8</b>	<b>752</b>	<b>77.415.000</b>	<b>8,2</b>	

**RIO CARIU'S:**

Descarga em Poço do Anel (bacia hydrographica 6.930 km.<sup>2</sup>):

	Chuvvas, S. Ma- theus, Assaré, Ara- ripe e S. Anna Cariry	1911 — 1912			1912 — 1913			1913 — 1914		
		Descarga	Escoamento	Chuva Idem, idem	Descarga	Escoamento	Chuva Idem, idem	Descarga	Escoamento	
	mm.	metros cubicos	%	mm.	metros cubicos	%	mm.	metros cubicos	%	
Dezembro.....	43	0	0	4	0	0	121	665.000	0,08	
Janeiro.....	80	4.725.000	0,8	61	7.032.960	2,0	304	156.816.000	7,4	
Fevereiro.....	286	469.663.600	8,6	261	27.760.320	4,5	164	43.632.000	3,8	
Março.....	163	86.875.200	7,7	201	177.638.400	12,7	164	67.306.000	5,9	
Abril.....	116	43.459.200	5,4	166	89.812.800	7,9	71	17.453.000	3,5	
Maió.....	33	2.125.400	9,3	53	23.803.200	6,4	43	2.765.000	3,1	
Junho.....	0	0	0	19	7.948.800	6,0	27	190.000	0,1	
Julho.....	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
<b>Total.....</b>	<b>721</b>	<b>306.849.400</b>	<b>6,1</b>	<b>765</b>	<b>333.996.480</b>	<b>6,3</b>	<b>864</b>	<b>288.827.000</b>	<b>4,8</b>	

**RIO TRUSSU':**

Descarga em Suçuarana (bacia hydrographica 1.700 km.<sup>2</sup>):

	Chuva Ignatú e B. Con- stant	1911 — 1912			1912 — 1913			1913 — 1914		
		Descarga	Escoamento	Chuva Idem, idem	Descarga	Escoamento	Chuva Suçuarana	Descarga	Escoamento	
	mm.	metros cubicos	%	mm.	metros cubicos	%	mm.	metros cubicos	%	
Dezembro.....	44	0	0	0	0	0	100	0	0	
Janeiro.....	172	0	0	66	0	0	214	55.728.000	15,3	
Fevereiro.....	291	108.777.600	22,0	224	5.889.600	1,5	150	81.173.000	31,3	
Março.....	207	170.726.400	48,5	138	17.798.400	7,5	116	61.387.000	21,1	
Abril.....	196	106.056.000	32,0	191	27.792.000	8,5	145	48.902.000	19,9	
Maió.....	126	29.583.300	13,8	155	39.499.200	15,0	75	10.843.000	8,5	
Junho.....	60	1.425.600	1,4	80	2.750.400	2,0	130	37.714.000	17,1	
Julho.....	8	259.200	1,9	0	0	0	0	0	0	
<b>Total.....</b>	<b>1.104</b>	<b>416.828.100</b>	<b>22,2</b>	<b>854</b>	<b>93.729.600</b>	<b>6,4</b>	<b>930</b>	<b>295.747.000</b>	<b>18,7</b>	



**RIO JAGUARIBE:**

Descarga em Arneiroz :  
Bacia hydrographica : 7.200 km.<sup>2</sup>

	1910 — 1911			1911 — 1912			1912 — 1913			1913 — 1914		
	Chuva Arneiroz	Descarga	Escamento	Chuva Arneiroz	Descarga	Escamento	Chuva Arneiroz Tauhá	Descarga	Escamento	Chuva Arneiroz Tauhá	Descarga	Escamento
Dezembro.....	mm. 170	metros cubicos 8.640.000	% 0,6	m. m. 46	metros cubicos 0	% 0	mm. 1	metros cubicos 0	% 0	mm. 9 $\frac{1}{2}$	metros cubicos 5.616.000	% 0,8
Janeiro.....	66	864.000	0,2	101	518.400	0,7	66	4.233.600	0,8	29 $\frac{1}{2}$	214.186.000	40,1
Fevereiro.....	30	4.728.000	0,8	446	458.344.000	45,4	230	72.576.000	4,3	78	31.490.000	5,6
Março.....	48 $\frac{1}{2}$	152.406.000	41,5	406	72.376.000	9,4	117	45.619.200	5,4	79	40.195.000	1,8
Abril.....	36	6.307.000	2,4	157	71.020.800	6,3	167	53.568.000	4,4	36	7.776.000	3,0
Maió.....	15	0	0	39	6.739.200	2,4	46	15.897.600	4,8	5	8.033.000	22,0
Junho.....	0	0	0	57	820.800	2,4	44	7.776.000	7,7	30	2.852.000	1,3
Total.....	-501	170.035.000	4,7	652	310.219.200	6,6	641	199.670.400	4,3	616	279.850.000	6,1

**RIO JAGUARIBE:**

Descarga em S. Matheus :  
Bacia hydrographica : 16.300 km.<sup>2</sup>

	1911 — 1912			1912 — 1913			1913 — 1914		
	Chuva S. Matheus Arneiroz	Descarga	Escamento	Chuva S. Matheus Arneiroz Tauhá	Descarga	Escamento	Chuva S. Matheus Arneiroz Tauhá	Descarga	Escamento
Dezembro.....	mm. 46	metros cubicos 0	% 0	mm. 4	metros cubicos 0	% 0	mm. 131	metros cubicos 4.018.000	% 0,3
Janeiro.....	107	0	0	49	0	0	277	473.947.000	40,5
Fevereiro.....	226	310.435.200	8,4	267	63.633.600	1,4	440	219.110.000	9,6
Março.....	113	183.513.600	9,9	170	43.939.600	5,2	415	30.024.000	4,6
Abril.....	159	127.872.000	4,4	183	419.630.800	4,0	56	8.856.000	1,0
Maió.....	51	16.027.200	1,9	79	44.236.800	3,5	44	3.802.000	1,7
Junho.....	68	4.363.200	0,5	26	3.453.600	0,7	34	4.666.000	0,3
Julho.....	23	777.600	0,2	0	0	0	28	670.000	0,1
Total.....	773	642.988.800	5,1	779	376.574.400	2,9	795	742.093.000	5,7







## Médias annuaes das descargas

	Chuvas Descargas		Escoa- mentos
	mm.	metros cubicos	
Rio Acarahú . . . . .	1.019	2.304.000.000	24,4
Rio Aracaty-assú . . . . .	957	447.000.000	22,9
Rio Poty . . . . .	713	766.000.000	8,5
Rio Pacoty . . . . .	1.745	91.000.000	13,1
Rio Coreahú (Camocim) . . . . .	1.667	969.000.000	16,0
Jaguaribe (Passagem das Pedras) . . . . .	963	4.419.000.000	6,4

Descarga total, 8.996.000.000 metros cubicos.

Vemos pois que, excluidos os rios Timonha, Mundahú, Curú, Ceará, Choró, Pirangy e outros menores, cahem no Estado do Ceará annualmente, em média, 8.996.000.000 metros cubicos de agua, que escoam para o mar sem proveito. Devemos nos lembrar que a medição da descarga dos rios Acarahú, Aracaty-assú e Pacoty, não foi feita na embocadura dos mesmos, de maneira que essa avaliação é inferior á quantidade de agua, que de facto se escoa.

Os nossos rios, que são antes torrentes, correm sómente nas épocas de chuva, depois *cortam*, deixando aqui e alli uma poça dagua, até seccarem inteiramente.

Ha agua em grande quantidade no Ceará; o que é preciso é retel-a na época opportuna em grande açudes para a utilizar nas seccas.

Não temos rios perennes, que possam ser simplesmente desviados para os canaes de irrigação. Será desvantagem?... Não e sim! Si ha a desvantagem da intermittencia do supprimento dagua, ha por outro lado a vantagem do menor custo das obras irrigatorias; as obras destinadas a refrear as aguas correntes, a oppor embates á impetuosidade das mesmas, a guiar os seus movimentos bruscos, são mais pesadas, mais resistentes e portanto mais despendiosas do que as barragens destinadas a armazenar as aguas. O facto destas poderem ser construidas, quando o rio está secco, é favoravel á facilidade e á economia da construcção.

Quanto maior for a quantidade dagua armazenada nos açudes, tanto maior será a area irrigavel nas seccas, tanto menores os effeitos destas.

E' esta, pois, a solução do problema!

## Açudes grandes, medios ou pequenos

Mas, em vez de poucos açudes grandes, perguntam uns, não será preferivel construir muitos açudes pequenos?

Ha um erro de apreciação nessa idéa: imagina-se por ahí que muitos açudes pequenos poderão prestar mais serviço do que poucos grandes, por estarem mais espalhados pelo Estado todo e melhor distribuidos pelos varios municipios. Isto é um engano, pois o fim principal do açude é a irrigação e um açude grande poderá irrigar muitos municipios. A principal zona irrigada pelo açude Assouan no Egypto é o delta do Nilo, situado a mais de 800 kilometros abaixo da barragem; assim tambem o açude Orós no Ceará poderá irrigar até o Aracaty, distante da barragem cerca de 200 kilometros, banhando assim a parte septentrional do municipio do Icó e os municipios de Jaguaribemerim, Riacho do Sangue, Limoeiro, Morada Nova, Russas, União e Aracaty.

Ha outras vantagens: comparado um açude grande com dez pequenos, de capacidade global igual á do grande, se verifica que o açude grande, tendo maior volume dagua reunido, retendo assim mais baixa a sua temperatura, expondo aos raios solares menor superficie, tem menor coeeficiente de evaporação do que os dez açudes pequenos, as perdas serão menores e o açude seccará mais vagarosamente. O açude grande, dadas identicas condições, custará mais barato do que os dez pequenos, pois uma casa grande custa menos do que dez pequenas com a capacidade daquella.

Não devem os açudes pequenos e medios ser abandonados, pois elles tambem prestam relevantes serviços. O Governo Federal é que se deveria preoccupar unicamente com a construcção dos açudes grandes, deixando os medios e pequenos para os particulares.

Afinal das contas, o tamanho do açudes depende, não da vontade do constructor, mas das condições do local. Estudados a topographia local, a área de captação e consequente

vasão do rio, o boqueirão e a área irrigavel, se deve construir o maior açude possivel, em condições que compensem economicamente, pois, quanto maior a quantidade dagua armazenada, maior a área que poderemos irrigar e menores os effeitos da secca.

## A grande açudagem

O valle do Jaguaribe representou na infancia do Ceará papel importante na primeira colonização e desenvolvimento do Estado; a elle está reservado um futuro grandioso, pois goza de condições excepcionaes para ser um importante centro de irrigação.

O illustrado engenheiro J. J. Revy já em 1881 chamou a atenção do Governo Imperial para a extrema fertilidade do mesmo e as condições excepcionaes que offerece para a solução do problema das seccas.

Os seguintes trechos do relatorio delle ao Ministro da Agricultura são de muito interesse:

«As grandes planicies do valle estão situadas entre Aracaty a cidade de Limoeiro, estendendo-se mesmo além, até um logar denominado Boqueirão do Cunha, a 115 kilometros de Aracaty. Formam uma superficie ininterrupta de terreno com a largura de cerca de 10 kilometros em todo este comprimento. Em dous terços, pelo menos, de sua area, são tão lisas estas planicies como a superficie de uma mesa. A terra é formada pelo mais bello solo de alluvião, com a espessura média de quatro a cinco metros.

«Este deposito alluvial descansa sobre areia limpa e grossa, identica á do canal do Jaguaribe, perto das ditas planicies. Ha nesta parte do valle pelo menos 80.000 hectares de magnificas terras planas, de riquissima qualidade, excepcionalmente aptas para a agricultura superior, que será invariavelmente garantida pela irrigação.

«O centro da planicie acha-se perto da cidade de S. Bernardo das Russas, a 75 kilometros de Aracaty.

«Estas planicies são, portanto, favoravelmente situadas para a cultura de productos agricolas, taes como algodão, assucar, fumo, etc., que o fertil sólo, com socorro de irrigação, produziria em abundancia.

«No Boqueirão do Cunha, a 115 kilometros do Aracaty, terminam as grandes planicies na bacia inferior do valle. A elevação destas planicies no Boqueirão é de 50,66 metros acima do nivel do mar. Com excepção de alguma nesga de terra propria para a cultura, póde dizer-se que a extensão situada entre o Boqueirão do Cunha e a villa do Jaguaribe-Mirim, com a distancia de 45 kilometros, é um deserto de rochedos, de nenhum valor para fins agricolas.

«As planicies do Icó estão a 225 kilometros de Aracaty e 143 metros acima do nivel do mar; são situadas na confluencia dos rios Salgado e Jaguaribe. As planicies do Icó tem semelhança frisante com as grandes planicies do valle inferior do Jaguaribe, em Russas e Limoeiro. Bem como estas, a sua superficie é tão lisa como uma mesa, e extremamente fertil. O solo é inteiramente formado de um rico deposito alluvial. A area é de cerca de 10.000 hectares. No centro destas planicies está a bella cidade de Icó, bem construida, com uma população de 12.000 almas e importante commercio de algodão, couros, assucar, etc. Não póde haver localidade mais favoravelmente situada para a irrigação, porque ha ahí uma área consideravel, de excellentes terras com grande população agricola, prompta a utilizar estas planicies em qualquer extensão, uma vez que a agua seja supprida para regar as suas plantações durante a estação secca do anno.»

«Pelas observações e estudos que fiz, considero do meu dever chamar a atenção de V. Ex. para os grandes recursos agricolas do valle do Jaguaribe. Nas actuaes circumstancias os recursos agricolas deste valle jazem dormentes, principalmente porque suas fertes planicies são privadas de supprimento necessario dagua, durante a estação secca do anno, e periodicamente durante annos consecutivos, causando calamidade á Provincia e sérios embarços ao Estado.

«O supprimento total dagua, provindo de chuvas, é em regra abundante; a quantidade dagua, que o valle annualmente recebe é muito superior ás necessidades da mais alta agricultura estendida a cada hectare de suas vastas e fertes planicies; mas esta quantidade dagua chega ao valle em tal maneira que prejudica a sua agricultura, havendo excesso em um tempo e falta no outro. Assim, em annos regulares, chuvas torrencias e enchentes formam a rega durante tres mezes; durante seis mezes não ha chuva alguma de valor para a



agricultura. Neste tempo as terras ficam queimadas e a vegetação torna-se impossivel em grandes e fertis areas de terreno.

«A lavoura do valle é actualmente limitada a áreas insignificantes, que tem alguma humidade, em consequencia de seu nivel mais baixo; assim, a propria area do leito do rio Jaguaribe é cercada e cultivada e produz os mantimentos necessarios: mandioca, feijão, arroz, batata, etc., para uma grande população; enquanto as magnificas planicies alluviaes adjacentes, cinco metros acima do nivel daquela area, jazem abandonadas.

«A introdução da irrigação nas ditas planicies elevaria em menos de dez annos a população do valle a um milhão, e este exercito de trabalhadores agricolas, com seu util e pacifico trabalho, produziria todas as commodidades da vida para ao menos dous milhões de homens. A riqueza da provincia augmentaria, pois, grandemente de anno em anno, contribuindo não pouco para a vantagem e segurança do Estado, pelo augmento de sua renda annual e pelo contentamento de sua população.»

Além da excellencia das terras, apregoada por J. J. Revy e confirmada por todos os engenheiros e cientistas, que por lá tenham transitado, ha no valle do Jaguaribe condições ex-

cellentes, verdadeiramente providenciaes, para a retenção dagua por meio de grandes açudes.

Quem olhar para um mappa do Ceará tem sua attenção atrahida immediatamente para uma cordilheira, longa e recta, limitando ao poente aquelle valle, na direcção norte-sul, formando como que uma espinha dorsal. Ao sul o valle é limitado pela serra do Boqueirão.

Estas serras são cortadas por importantes rios, cujas aguas passam por apertados boqueirões, estreitas gargantas, que com facilidade podem ser barradas para reter as aguas fluviaes, com as quaes se irrigarão as terras do valle; os principaes boqueirões são os seguintes, de sul para norte: Lavras, Estreito, Orós, Nova Floresta, Riacho do Sangue, Mondubim e Santo Antonio.

No alto e médio valle do Jaguaribe ha ainda os importantes boqueirões do Poço dos Paus e Quixeramobim, e o de Arneiroz. No rio Pacoty ha o boqueirão do Acarape do Meio e no extremo norte do Estado no rio Itacolomy o boqueirão do mesmo nome.

Do seguinte quadro constam os principaes dados referentes aos grandes açudes construidos e a construir no Ceará. ~~Esta o plano de combate ás secas.~~



## PRINCIPAES OBRAS DE IRRIGAÇÃO DO CEARÁ

Boqueirão	Rio	Bacia Hydrographica	Barragem	Altura maxima metros	Capacidade metros cubicos	Custo provavel do açude	Custo do açude já construido	Bacia de irrigação hectares	Custo dos canaes de irrigação	Observações
<b>BAIXO JAGUARIBE:</b>										
Lavras.....	Salgado.....	8.000	Alvenaria.....	20 (?)	250.000.000 (?)	4.000:000\$ (?)	—	90.000	—	Por estudar. Ha estudos antigos. Açude projectado. Está seu lo novamente es-ti-da-do. Açude construido em 1915-1916.
Estreito.....	S. João.....	318	Alvenaria cyclopica.	48,50	120.000.000	4.600:000\$	—	—	—	—
Orós.....	Jaguaribe.....	27.403	Alvenaria cyclopica.	50	2.250.000.000	12.000:000\$	—	—	—	—
Riacho do Sangue.....	R. do Sangue.....	2.787	Terra.....	21	61.000.000	—	1.240:603\$467	—	—	—
Jiquy (abaixo de Malaca-Cheta).....	Quixeramobim.	6.763	Alvenaria.....	20 (?)	80.000.000 (?)	4.000:000\$ (?)	—	—	—	—
Boqueirão de China.....	Banabuiú.....	13.140	Alvenaria.....	20 (?)	100.000.000 (?)	4.000:000\$ (?)	—	—	—	—
Boqueirão de Baixo.....	Banabuiú.....	1.250	Alvenaria.....	20 (?)	100.000.000 (?)	4.000:000\$ (?)	—	—	—	—
Santo Antonio.....	Palhaço.....	1.250	Terra.....	14	28.000.000	300:000\$	—	—	—	—
<b>ALTO E MEDIO JAGUARIBE:</b>										
Arneiroz.....	Jaguaribe.....	7.200	Alvenaria.....	23	100.000.000	3.000:000\$ (?)	—	—	—	—
Pego dos Paes.....	Basões.....	6.930	Alvenaria cyclopica.	40	649.000.000	8.000:000\$	—	—	—	—
Quixeramobim.....	Quixeramobim.	6.438	Alvenaria.....	35	517.000.000	6.000:000\$	—	—	—	—
Quixadá.....	Sitiá.....	210	(1 de alvenaria.....)	45	125.000.000	—	4.650:895\$399	—	—	—
			(3 de terra.....)							—
Pedra Branca (abaixo de Varguinha).....	Sitiá.....	4.885	Terra.....	20 (?)	100.000.000 (?)	500:000\$ (?)	—	—	—	—
Seraphim Dias.....	Banabuiú.....	5.800	(1 de alvenaria.....)	20	27.000.000	1.800:000\$	—	—	—	—
			(2 de terra.....)							—
<b>MUNICIPIO DO ACARAPE:</b>										
Acarape do Meio.....	Pacoty.....	400	Alvenaria cyclopica.	33	38.000.000	3.300:000\$	—	—	—	—
<b>NO NORTE DO ESTADO:</b>										
Itacolomy.....	Itacolomy.....	4.107	Alvenaria (?).....	30	190.000.000	3.000:000\$	—	—	—	—
Acaraçu-anirim.....	Acaraçu-anirim	500	Terra.....	48	60.000.000	—	800:000\$000 (?)	—	—	—
Tucunduba.....	Tucunduba.....	3.350	Terra.....	16	31.000.000	—	761:280\$394	—	—	—
Forquilha.....	Madeiro (afl.do Acaraçu).....	488	Terra.....	17,8	50.000.000	1.400:000\$	—	—	—	—
					4.795.000.000	47.600:000\$	—	141.700	56.440:000\$	—



O total da despesa a fazer no Ceará com a construção de obras de irrigação é pois de:

Açudagem .. .. .	47.600:000\$000
Canaes .. .. .	56.440:000\$000
	<u>104.040:000\$000</u>

Entretanto, não precisa o Governo atacar todas essas obras simultaneamente. Penso que de preferencia deve elle concluir os açudes iniciados e construir os mais importantes, de maneira a distribuir os beneficios; quanto possivel, por todo o Estado; isto é:

	Açudes	Canaes
Acarape do Meio .. .. .	3.300:000\$	1.400:000\$
S. Antonio .. .. .	300:000\$	
Orós .. .. .	12.000:000\$	18.000:000\$
Poço dos Paus .. .. .	8.000:000\$	6.000:000\$
Quixeramobim .. .. .	6.000:000\$	6.000:000\$
Itacolomy .. .. .	3.000:000\$	4.520:000\$
Arneiroz .. .. .	3.000:000\$	2.000:000\$
	<u>35.600:000\$</u>	<u>34.920:000\$</u>

O total 70.520:000\$000, dividido por cinco annos, representa uma despesa pouco acima de 14.000 contos por anno.

Para facilitar a construção desses açudes deve o Governo construir, com o dinheiro existente para tal fim, ramaeas de estrada de ferro de Granja a Itacolomy, de Sussuarana a S. Matheus (Poço dos Paus), Sabociro a Arneiroz e de Tatajuba (ramal do Icó) ladeando o leste da serra dos Orós até o boqueirão; taes estradas poderão ser de rodagem, cuja feitura é mais rapida, afim de não demorar o inicio da construção dos açudes.

Uma vez iniciada a irrigação do baixo Jaguaribe, far-se-á a ligação do Icó ao Aracaty por estrada de ferro. A respeito desta estrada, diz o engenheiro O' Meara:

«Inquestionavelmente deve ella pagar um bello dividendo sobre seu custo desde o dia da sua conclusão, tanto porque o trafego existente no seu caminho é muito consideravel como porque uma grande parte do trafego da Estrada de Ferro de Baturité e talvez tudo o que agora acha sahida para a costa, por via de Mossoró, naturalmente correrá para ella, e tambem porque as despesas da sua construção são pequenas, devido ás ligeiras elevações e faceis curvas em toda a sua extensão.»

**A unica solução do problema**

A construção dos grandes açudes e dos respectivos canaes de irrigação, a divisão das terras irrigadas em pequenos lotes e a localização de familias sertanejas nas mesmas, eis a unica solução do Secular Problema do Nordeste. Tudo mais são palliativos!

Quando o Ceará tiver 140.000 hectares de terras irrigados, divididos em pequenos lotes, occupados por familias sertanejas, não se fallará mais em seccas.

Quando o Governo Federal conseguir isto, poderá entregar á sua sorte aquelle Estado, deixando a cargo deste as medidas accessorias, complementares áquellas obras, como a prophylaxia rural, ensino e defesa agricola-pecuaria, reflorestamento, pequenos açudes e poços tubulares, estradas de ferro, de rodagem e portos, etc.

Pergunta-se naturalmente: Quando se iniciaram os estudos para a solução deste problema?

Em 1877. Ha 42 annos.

Quantos hectares de terra estão irrigados artificialmente por obras construidas pelo Governo Federal?

No Ceará 600 hectares, no açude do Quixadá.

E nos outros Estados?

Nenhum.

Quantas familias já foram localizadas?

Nenhuma.

Então, o que tem feito os Governos nesses 42 annos?

A monarchia iniciou em 1888 o açude do Quixadá, que foi construindo vagarosamente, até ser dado por concluido em 1906.

**A acção da I. O. C. S.**

A repartição encarregada de resolver o problema, tem sido concedidas verbas diminutas, simplesmente ridiculas, dada a magnitude do problema e a vastião da zona interessada, e que não permitem atacar as grandes obras de irrigação, unico e verdadeiro meio de solver o flagello.

«Ha um certo numero de obras publicas, escreve George Wharton James, que são grandes, gigantescas demais para serem executadas sinão pelo Governo. Taes são os diques, que protegem do mar a Hollanda, as grandes estradas dos Romanos, o canal do Panamá e os diques do Mississipi. A obra do Reclamation Service é desse genero.»

Tambem o é a solução do Secular Problema do Nordeste. Que tem feito os nossos dirigentes para resolver esse problema? para levar o socego e a prosperidade a esses infelizes parias? para garantir o direito de vida a esses brasileiros?

Durante mais de trescentos annos se tem succedido as seccas: e hoje se morre de fome como em 1606.

Com os seus minguados recursos iniciou entretanto a Inspectoria de Obras contra as Seccas alguns açudes medios, construiu açudes pequenos, e poços tubulares; mantem dous hortos florestaes, estações meteorologicas e muitas pluviometricas e tem distribuido muitos premios aos particulares, que constróem açudes.

O trabalho quicá mais importante desta repartição são os estudos feitos sobre a geologia, botanica, meteorologia, hydrographia e topographia de todo nordeste, que constam das publicações e mapas da mesma, já em numero de 43. Hoje se tem uma idéa de conjunto de toda aquella zona e se sabe o que se deverá construir, desde que appareçam os recursos necessarios.

Apezar de seccas anteriores, depois da Republica, foi sómente nas seccas de 1915 e do corrente anno, que a Inspectoria obte créditos extraordinarios. Nestas occasiões ella constróe de preferencia obras de soccorro, que occupam grande numero de braços, como açudes de terra e estradas de rodagem; mesmo porque a construção das grandes obras requer a maior calma e cuidado, operarios competentes e fortes e não podem por isso ser iniciadas em épocas de calamidade, de panico.

A Inspectoria tem vivido ultimamente numa modorra, depois de ter tido alguns annos de trabalho intenso, no tempo em que dispunha de maiores recursos.

Com a época de economias se foram reduzindo as verbas desta repartição, contra a qual ha manifesta prevenção de parte de alguns de nossos homens publicos. E' possivel que aquella tenha os defeitos de grande parte das nossas repartições, mas isto não é motivo para a extinguir; corrijam-se os abusos e mantenha-se a repartição, pois sua existencia é mais necessaria do que a de muitas outras, que vivem á tripa forra, cheias de abusos e irregularidades.

A Inspectoria de Obras contra as Seccas tem tido, ultimamente, uma vida quasi vegetativa e já teria sido extinguida, si a secca passada não tivesse demonstrado a necessidade de sua existencia. Mesmo nesse anno as obras de maior vulto foram construidas por uma commissão especial, chefiada pelo Dr. Aarão Reis.

As verbas, votadas ultimamente para a Inspectoria, dão quasi que sómente para pagamento do pessoal; isto absolutamente não se coaduna com os fins dessa repartição, que deve trabalhar e construir: construir nas seccas, para soccorrer ás populações, construir nos intervallos das seccas para evitar os males destas.

No porto do Rio Grande, em pequenas verbas orçamentarias, temos gasto dezenas de milhares de contos. Tudo em pura perda! No dia em que o Governo se dispoz a resolver o difficil caso, despendendo de uma vez a quantia avultada necessaria, o problema teve solução rapida e efficaz.

O mesmo tem acontecido com o Secular Problema do Nordeste. Emquanto não apparecerem os recursos, a Inspectoria vae construindo açudecos, poços e estradas de rodagem, verdadeiros palliativos, remedios illusorios, que nada resolvem.

Ha individuos, que soffrem de doença chronica, aqual, incubada durante muito tempo, uma vez por outra irrompe furiosamente com symptomias graves; chamado o curandeiro este, despreoccupado com a causa da molestia, combate com sua medicina empirica os symptomias, que cedem rapidamente, deixando o doente a salvo e a familia tranquillizada; entretanto, o mal, incubado até a crise seguinte, continua minando o organismo.



O medico, que com cuidado examina o doente, aconselha um tratamento rigoroso, uma dispendiosa intervenção cirurgica, que garantira a completa e radical cura do doente. O curandeiro, ouvido a respeito, continua na sua criminosa indiferença, ligando pouca importancia aos avisos do medico.

E' esta exactamente a situação do nordeste brasileiro, que soffre da doença chronica das seccas; quando apparece a crise, accorre o curandeiro, que neste caso é o Governo Federal, e promove a emigração daquellas populações e a construção de algumas obras de soccorro. Aquelles, que estudam o problema, aquelles que conhecem os remedios, que tem salvo outros doentes em identicas condições, mostram, expõem, pedem as medidas necessarias para a cura... O curandeiro dá-lhes á banda mouca, continúa na sua criminosa indiferença e, na seguinte crise, applica ao doente o classico purgante e a mesinha empirica.

VIII — SOLUÇÃO DE OUTROS PROBLEMAS NACIONAES

Vejamos, agora, como tem sido solvidos outros problemas nacionaes, todos de importancia secundaria, deante do secular problema do nordeste, deante da salvação da vida dos brasileiros.

Os empréstimos externos realizados pelo Brasil foram os seguintes:

	Libras
1824 .....	1.333.300
1824 .....	2.352.900
1825 .....	1.400.000
1829 .....	769.200
1839 .....	411.200
1843 .....	732.600
1852 .....	1.040.600
1858 .....	1.526.500
1859 .....	508.000
1860 .....	1.373.000
1863 .....	3.855.300
1865 .....	6.963.600
1871 .....	3.459.600
1875 .....	5.301.200
1883 .....	4.599.600
1886 .....	6.431.000
1888 .....	6.297.300
1889 .....	19.837.000
1893 .....	3.710.000
1895 .....	7.442.000
1898 .....	8.613.717
1901 .....	16.619.320
1903-1905 .....	8.500.000
1906-1910 .....	2.100.000
1907 .....	3.000.000
1908 .....	4.000.000
1910 .....	10.000.000
1911 .....	4.500.000
1911 .....	2.400.000
1913 .....	11.000.000
1914 .....	6.196.578
	<u>156.273.515</u>

	Francos
1908-1909 .....	100.000.000
1909 .....	40.000.000
1910 .....	100.000.000
1911 .....	60.000.000
	<u>300.000.000</u>

Ao cambio de 14 1/8 d. representa aquella quantia réis 3.656.649:755\$ e esta 202.500:000\$, total 3.859.149:755\$000. Nenhum destes empréstimos se realizou para a construção de obras de irrigação nas zonas flagelladas pela secca.

Segundo a última mensagem presidencial, se eleva a nossa divida interna fundada a 1.012.137:900\$, representada em apolices da divida publica. Nenhum destes empréstimos se realizou para a construção de obras de irrigação nas zonas flagelladas pelas seccas.

Segundo a mesma mensagem, o valor do papel-moeda em circulação é de 1.69.113:38500. Nenhuma emissão foi feita para a construção de obras de irrigação nas zonas flagelladas pela secca. Total: 6.580.400:528\$500

Vejamos as estradas de ferro:  
Estradas de ferro, construidas e em construção, pela União, até 31 de dezembro de 1917:

	Em tra- fego Km.	Em con- strucção Km.
No Norte:		
S. Luiz-Caxias .....	—	370
Madeira-Mamoré .....	364	—
Ceará-Piauhy .....	876	108
Central Rio Grande do Norte.....	144	50
Great Western. . . . .	1.479	38
Viação Ferrea da Bahia .....	1.764	426
	<u>4.567</u>	<u>988</u>

Estradas de ferro, concedidas pela União, com garantia de juros:

Tocantins .....	45	13
Caxias-Cajazeiras .....	78	—
	<u>123</u>	<u>13</u>

Construidas e em construção pela União:

No Sul:		
Central do Brasil .....	2.350	282
Rio do Ouro .....	126	—
Oeste de Minas .....	1.559	133
Lorena-Itajubá .....	20	—
Itapura-Porto Esperança .....	837	—
Cruz Alta-Santo Angelo .....	78	40
S Pedro-S. Luiz-S.Borja .....	—	417
Alegrete-Quarahy .....	—	117
S. Sebastião-Sant'Anna do Livramento	—	159
Basilio-Jaguarão .....	—	113
Paraná .....	407	—
Norte Paraná .....	43	—
Santa Catharina .....	69	—
D. Thereza Christina .....	118	—
Viação Ferrea Rio Grande do Sul.....	2.274	—
Itaquy-S. Borja .....	123	—
Goyaz .....	529	513
Sul-Mineira .....	3.249	118
Prolongamento da E. de Ferro Maricá	65	—
	<u>9.847</u>	<u>1.900</u>

Concedidas com garantias de juros:

Victoria-Minas .....	590	41
Leopoldina .....	185	—
S. Paulo-Rio Grande .....	1.444	7
Noroeste do Brasil .....	436	—
Mogyana .....	281	—
Sorocabana-Ituana .....	706	156
Prolongamento da E. de F. Funilense..	42	—
Mogy das Cruzes — Fazenda Rio Claro	—	19
S. Paulo-Goyaz .....	39	—
Dourado .....	40	—
Itabapoana-Bom Jesus .....	—	15
Amparo Industrial .....	—	20
Barreiros-Sertãozinho .....	—	15
	<u>3.763</u>	<u>273</u>



Das estradas de ferro, construídas e em construção pela União e concedidas com garantias de juros, havia, portanto, em 1917:

No NORTE, 5.691 kilometros.  
No SUL, 15.783 kilometros.

A responsabilidade da União em 1915 com relação a estradas de ferro era de 934.201:336\$669, representando o juro annual de 37.707:632\$653.

A construção de portos nos tem custado igualmente elevadas quantias. Com a colonização estrangeira do sul do Brasil temos despendido cerca de 600.000:000\$000.

Terra temos muita; a nossa população é que é escassa. O capital mais precioso é o homem; temos cuidado mais em beneficiar a terra, promovendo a colonização, quando de preferencia deveriamos defender o homem contra as vicissitudes do clima.

Não proponho que a União promova a imigração estrangeira para o norte; quero é que os dinheiros, porventura destinados a tal fim no norte, sejam empregados na localização da população nacional.

Todos esses problemas nacionaes dizem respeito ao nosso desenvolvimento economico; as seccas affectam não sómente á economia, mas ao bem-estar do povo, á vida do cidadão.

O Secular Problema do Nordéste é o problema maximo da Nação!

Este favoritismo impatriotico e anti-democratico, dispensado aos Estados do sul, já se tornou habito de nossos dirigentes. Costumam, entretanto, uns negar a existencia do mesmo, outros o disfarçam, os mais affeitos procuram até o justificar.

O norte do Brasil colonia do sul

Mas ha quem queira ir mais longe. De algum tempo a esta parte tem-me sido referida uma conferencia do illustre Dr. Assis Brasil, feita na sede da «Liga da Defesa Nacional», em S. Paulo, sobre a «idéa de Patria», em que, este illustre republicano historico propõe que o norte do Brasil seja explorado como colonia do sul. Pensando fosse exaggero, procurei o texto completo da mesma e lá encontrei os ditos conceitos, taes quaes me haviam sido transmittidos.

Para que se verifique que não interpretei mal as palavras do illustre republicano historico e para que a pretensão do Dr. Assis Brasil seja bem divulgada, vou transcrever-a na integra.

É muito estranho que o illustre brasileiro tenha procurado o thema «idéa de Patria» e o local, a sede da «Liga da Defesa Nacional», para externar as suas idéas imperialisticas. Apresso-me, entretanto, em fazer justiça aos paulistas, que não só desapoiamam, mas censuraram com vehemencia tão esdruxulas pretensões.

Eis o trecho referido:

«Como as plantas e outros animaes, que chamamos inferiores, o homem está preso á terra e ao céo, ao planeta e á atmospherica que o envolve. As leis da physica mais comensuradas, porque são hoje ensinadas ás crianças, com as primeiras noções positivas, estabelecem que o calor dilata os corpos e que o frio os contrae. O ar é corpo. Em clima quente é ordinariamente mais dilatado que em clima frio. E' ás vezes, além de mais dilatado, tambem carregado de humidade, procedente de maior evaporação, além de outros elementos não desejaveis para a respiração humana. O pulmão humano, pois, essa fornalha da machina viva, no mesmo trabalho de inspiração ingerirá menor quantidade de oxygenio no clima quente que no clima frio, e hospedará maior quantidade de impurezas e materias inúteis, num do que no outro. Mais oxygenio — mais globulos vermelhos, temperamento mais sanguineo, mais vida, mais energia, mais homem.

«O homem — é verdade — póde ser considerado o mais cosmopolita dos animaes, em parte pelas suas condições organicas naturaes, em parte pelos artificios de que a sua intelligencia o apercebe cada vez mais intensamente para se defender das hostilidades da natureza. Elle póde supportar condições mesologicas a que animaes inferiores succumbiriam sem remissão. Mas não póde supportar-as de um modo permanente. As leis da natureza podem ser violadas, mas não abolidas.

«Isto explica o facto, verificavel ao mais breve golpe de vista sobre a historia da civilização universal, o facto de estarem todas as principaes nações assentadas em clima frio e secco, onde o jogo normal das estações seja accentuado e

energico, e apoderarem-se das regiões de calor e humidade, unicamente para a exploração das industrias faceis, para a conquista da riqueza rapida, com o melhor da qual regressa o homem forte para o lar em que bebeu a fortaleza.

«A historia não nos mostra um caso unico de um grande imperio se fundar e permanecer em clima quente e humido.

«Felizmente, o nosso paiz dispõe de uma zona dilatadissima, para muitas dezenas de milhões de habitantes, sem necessidade de grande densidade, de uma zona compativel com a formação, a permanencia, o desenvolvimento do homem normal — todo o territorio da latitude mais meridional, todo o que jaz sobre o enorme planalto, onde uma altitude razoavel diminue e em certos pontos annulla a acção destructiva do tropico, todas aquellas regiões, emfim, onde alguma compensação natural ou artificial consiga a modificação favoravel do meio physico.

«A acção da natureza é tudo. Ella se encarregará, si o meu juizo é certo, de transformar em realidade cada vez mais evidente o movimento evolutivo espontaneo que acaba de denunciar. O reconhecimento da soberana acção das forças naturaes não tira, entretanto, que seja dever dos estadistas trabalhar com ellas em linhas paralelas, e, inversamente, evitar o mais possivel contrarias-as.

«Para trabalharem em harmonia com a natureza, os estadistas brasileiros não tem, não terão nunca, necessidade de intervir de modo algum offensivo ás regiões de clima quente e humido, partes integrantes do territorio nacional.

«Entre outros privilegios que uma concepção mystica chamaria «providenciaes», o nosso grande paiz tem este, unico no genero, de possuir na continuidade do territorio o equivalente do que outros povos chamam colonias. Para que ellas sejam taes, nem será preciso nunca dar-lhes esta denominação pejorativa e que, bem que sem razão, poderia ser considerada deprimente. As colonias do Brasil continuarão a ser Estados, municipios, a criar e exercer seus proprios governos, a tomar parte na gestão dos negocios communs, com a metropole; mas cada vez se accentuará mais a circumstancia natural da sua condição biologica e economica.»

Em seguida affirma o Dr. Assis Brasil que é homem de raciocinio, mas, antes de tudo, de sentimento e que lhe doeria a fazer sangrar o coração, si algum dos seus irmãos, fillos do norte, das regiões quentes e humidas, visse no pensamento delle, que é apenas reconhecimento e denuncia, de factos naturaes, alguma offensa ou menospreço.

São sempre irritantes essas discussões barbaistas, mas era preciso que nós nortistas tivéssemos perdoado de todo o brío para ouvir calados essas considerações do Dr. Assis Brasil, o illustre republicano historico, que com a Republica parece se tornou mais imperialista do que o democratico e magnanimo Pedro II. A esdruxula idéa do illustre sulista não póde ficar sem protesto e sem resposta.

Partiu o illustre brasileiro de um principio falso, qual o de affirmar que os povoadores dos climas frios inspiram mais oxygenio do que os habitantes das regiões quentes, porque nestas o ar, mais dilatado, contém menos oxygenio. Não tem razão o illustre patriota: cada organismo inspira o ar necessario para sua existencia. Assim é que os seres se vão adaptando ás condições mesologicas: onde o ar fór mais dilatado, o pulmão, no afan de adaptação, adquirirá proporções maiores, e, portanto, capacidade inspiradora maior, e vice-versa. E' o que Kirchoff chama *selecção tellurica*. O organismo que não se adaptar e inspirar mais ou menos ar, do que necessario á sua vida, não resistirá ao meio e morrerá.

Si fosse verdadeira a theoria, abraçada com tanto alvoroço pelo illustre Dr. Assis Brasil, como explicará elle o facto dos romanos terem sujeitado ao captivo povos do norte da Europa, que inspiravam mais oxygenio do que elles?

Como explicará elle que a India, outr'ora sede de uma civilização adeantadissima, é hoje colonia, sem que o clima se tenha modificado?

Como explicará a derrota do russo, habitante de clima frio e secco, inspirador de mais oxygenio, com mais globulos vermelhos, com temperamento mais sanguineo, com mais vida, com mais energia, mais homem emfim, pelo japonês amarello, morador de clima menos frio e muito humido?

Estão ahí tres exemplos de historia, para não citar muitos outros, que desmentem a theoria do illustre Dr. Brasil.

Não póde ser, pois, o clima o unico factor do progresso humano. Ora, nós sabemos que a posição geographica e a riqueza mineral são factores importantes no progresso de



nações, além de muitos outros, uns patentes, palpáveis, outros quasi imperceptíveis. Querer attribuir todo progresso unicamente ao clima é absurdo.

Ellsworth Huntington, no seu livro *Civilization and Climate*, diz:

«Hoje prevalece um determinado typo de clima, onde a civilização é adeantada. No passado, parece (parece!) ter prevalecido o mesmo typo de clima, onde surgiu uma elevada civilização. Portanto, parece (parece!) ser tal clima uma condição necessaria para grande progresso. Não é a causa da civilização, pois esta tem sua base muito mais fundo. Nem é a unica, ou a mais importante, condição; é apenas uma de varias condições, justamente como um abastecimento abundante de boa agua é uma das principaes condições para a saude.»

Elle considera o determinado clima, que prevalece nas zonas civilizadas e que parece ter prevalecido antigamente nos paizes civilizados uma condição do progresso, mas não a unica, nem mesmo a mais importante.

*Felizmente*, continúa o illustre republicano historico, *o nosso paiz dispõe de uma zona dilatadissima — os planaltos e todo o sul — compativel com a formação, a permanencia, o desenvolvimento do homem normal; possui tambem, na continuidade do territorio o equivalente do que outros povos chamam colonias*, (isto é, o norte do Brasil, onde respiramos menos oxygenio e mais miasmas e não podemos aspirar a ser *homens normaes!! Risum teneatis!!*); *a natureza se encarregará do trabalho, do movimento evolutivo espontaneo, entretanto os estadistas brasileiros devem agir de accordo com ella em linhas parallelas, isto é, devem favorecer o progresso do sul e deixar que o norte seja explorado pelos sulistas.*

Mas é preciso disfarçar essa politica, enganar aquelles entes inferiores! E arremata o illustre republicano historico:

«As colonias do Brasil (colonias do Brasil!!) continuarão a ser Estados, municipios, a crear e a exercer os seus proprios governos, a tomar parte na gestão dos negocios communs, com a metropole; mas cada vez se accentuará mais a circumstancia natural da sua condição biologica (isto é, zona, em que não se pôde desenvolver o *homem normal*) e economica (isto é, colonia dos sulistas, para a exploração das industrias faceis, para a conquista da riqueza rapida).»

«Vejam como um presente acaba com um passado!» exclamarei eu com o poeta.

Outr'ora era Assis Brasil republicano historico, vermeinho demolidor de thronos e coroas, que prégava a abolição de privilegios e castas, um dos arautos da nova era de democracia, do governo do povo pelo povo, da liberdade, da igualdade, da fraternidade!

Banido o democratico e magnanimo Pedro II — aquelle, que mandou vender as joias da corôa, comtante que não morresse um cearense de fome — surge agora o mesmo Assis Brasil, pregando o imperialismo dentro da propria Patria, propugnando pela escravização de cidadãos de uma republica, propondo a exploração do norte do Brasil em proveito do sul!

E' esta a sua noção de democracia?

Então é esta a *Idéa de Patria* do illustre patriota Assis Brasil?

E' assim que quer tratar os descendentes daquelles herôes, que, em grande numero, hombro a hombro com os *homens normaes* do Rio Grande do Sul, se bateram, regando com seu sangue os campos paraguayos?

E' este o illustre republicano historico, membro da Constituinte, que certamente ha de ter applaudido entusiasticamente o art. 88 da Constituição, mas agora, após 30 annos de governo republicano, vem propor, não a guerra da conquista, não a annexação de territorios estrangeiros, não a escravização de inimigos, mas a sujeição vergonhosa e iniqua do cidadão livre do norte ao caricato imperialismo do sul?

Não porei em confronto os homens do norte com os do sul, para ver quaes os *homens normaes*.

Não procurarei a causa do progresso do sul no desenvolvimento de suas rêdes ferroviarias, na colonização estrangeira, promovida em grande parte á custa da Nação, na concessão mais liberal de favores de toda a especie.

Não lembrarei as conferencias impressionadoras e patrioticas do illustrado professor Passos de Miranda sobre «As Riquezas e o Valor economico do norte do Brasil».

Não referirei o mal-estar, que se sente lastrar pelas populações do norte, abandonadas e esquecidas.

Não offenderei os nossos dirigentes, dizendo que seria preferivel sermos tratados como os colonos inglezes da India, do que como o teem sido os cidadãos brasileiros do norte.

Nada disso farei. Prefiro lembrar ao illustre Dr. Assis Brasil a definição dada á palavra Nação por E. Renan, nome que certamente merece toda a sua sympathia. E' a seguinte: «Uma nação é uma grande comunidade, que se funda sobre a consciencia dos sacrificios feitos pelo conjuncto e sobre o accordo de viver para o futuro, sacrificando-se por esta comunidade. A existencia de uma nação é um plebiscito continuado dia a dia.»

Prefiro convidar o illustre republicano-imperialista Assis Brasil para um terreno mais elevado e repetir as patrioticas palavras, que em memoravel conferencia proferiu o illustre academico Felix Pacheco, meu presado collega, digno representante do Piahy:

«Irmãos poderosos e adiantados do Sul! Ninguem se orgulha mais do que nós de vossa grandeza, de vossa cultura, de vosso progresso! Somos todos como os braços de um mesmo tronco robusto, e devemos querer-nos muito e muito, numa reciprocidade sem falha, que não crie resentimentos, antes fortaleça cada vez mais esses vinculos fraternaes indissolúveis!»

«Lembrae-vos que um galho da arvore que se estiole, por ausencia de cuidados do outro, pôde levar o germen da morte ao ramo feliz sempre exuberante! Maior seja a nossa desventura e mais carinhosa tambem se mostre a vossa solicitude!»

«Porque o nosso destino é um só e devemos realizal-o de mãos dadas. O Deus, que nos castiga, talvez, na sua immensa sabedoria só nos flagelle para vos offerecer uma oportunidade de repartides connosco as bençãos que elle proprio vos prodigaliza.»

«Aqui está a arte cobrindo com o doce florão de suas harmonias a intensidade pungente de nossa angustia.»

«Assim seja sempre!»

«E, um dia, quando a diligencia dos Governos da União nos apparellhar devidamente para não precisarmos mais nunca de auxilios, a gloria commum desse nobre esforço mutuo, nosso e vosso, rebrilhará como um sol sobre a face do Brasil inteiro, no longo beijo esplendido da fortuna e da prosperidade!»

## IX — CONCLUSÃO

Assim, gastando milhões de contos de réis, é que os Governos teem promovido a construcção de estradas de ferro, portos e a colonização do sul, todos, problemas de somenos importancia deante do problema maximo da salvação da vida humana, da garantia do bem-estar do cidadão brasileiro.

Talvez — quem sabe? — a boa renda do capital, assim despendido, seja uma justificativa para a construcção de taes obras e para a preferencia dada á construcção dellas?

Que lucro tem tido o capital nacional despendido em taes obras? Nenhum! E para prova, basta dizer que, das estradas de ferro, pertencentes á União, a que maior renda dá, tanto absoluta como relativa, é a Rêde de Viação Cearense, que é entretanto uma estrada estrategica contra a seca.

Mas, dir-me-hão, os Governos, promovendo a viação ferrea, a construcção dos portos e a colonização do sul, não visa lucros sobre o capital, procura o desenvolvimento economico, quer apenas os lucros indirectos.

Entretanto, si o Governo promover a irrigação no nordeste, salvará a vida dos cidadãos brasileiros, promoverá o desenvolvimento economico, terá o lucro indirecto e, além do tudo, ainda uma renda segura sobre o capital. Vejamos:

### Valorização da terra pela irrigação

Em toda parte do mundo uma terra, em que se construam obras de irrigação, tem seu valor *ipso facto* augmentado. Tratando da irrigação nos Estados Unidos, o Sr. Elwood Mead no Congresso Internacional de Engenharia de 1904 disse: «A terra no valle do Yakima, Washington, que podia ser comprada ha cinco annos a 15 dollars o acre, é agora vendida a 75 dollars. Terra no districto de Turlock e Modesto, na California, que era vendida a 20 dollars o acre ha tres annos, vale hoje 60 dollars.»

Newell, durante muitos annos director do *Reclamation Service* dos Estados Unidos, diz: «As terras devolutas podem



ter o valor de 50 cents o acre, enquanto, uma vez irrigadas, o preço de venda se póde elevar a 50 dollars o acre.»

Collins, no seu trabalho *Irrigation in the Transvaal*, escreve: «Uma avaliação liberal do valor das boas terras sem irrigação seria de £ 3 ou £ 5 por acre. Cada acre, sendo irrigado, tem o seu valor augmentado de £ 25.»

Tratando da Hespanha, escreve Sir Hanbury Brown: «O preço médio de terra irrigada em Castellon era de £ 140 o acre, sendo o preço médio de terra sem irrigação na mesma redondeza £ 10. Em Murcia, o preço de terra irrigada era de £ 500 o acre, e de terra sem irrigação de £ 25 a £ 30. Perto de Madrid, a terra irrigada era arrendada a £ 5 o acre, sendo este o preço de venda para terra sem irrigação. Em geral, em toda a Hespanha, terra boa nos valles sem irrigação podia ser comprada pelo preço médio de £ 6 a £ 10, e a mesma terra, irrigada, de £ 80 a £ 120 o acre.»

No relatório da Comissão de Seccas da India de 1880, se lê o seguinte: «O preço de arrendamento das terras no norte da India duplica com a irrigação, enquanto em onze districtos de Madras o arrendamento médio das terras sóbe de 1.40 rupias a 5.40 rupias por acre, quando irrigadas. Em Tinnevelly o augmento é de quasi dez vezes. Nos oito annos precedentes a 1875-1876 o preço médio de terras irrigadas do valle do Cauvery no Mysore era de 35 lakhs o acre; a melhor terra secca naquella mesma época não valia mais de dous lakhs ou dous lakhs 10 s.»

Na Belgica, refere Keelhoff, terras que valiam 100 a 150 francos, foram vendidas, depois de irrigadas, a 2.500 francos o hectare.

O Sr. L. G. Carpenter, fallando sobre as terras do Colorado aos delegados da Convenção de Irrigação do Canadá, disse:

«As terras irrigaveis tem augmentado constantemente de valor durante os ultimos doze annos, tendo o valor das mesmas mais do que duplicado nesse periodo; isto é, augmentaram de \$50 a \$100 ou mais. Grande parte dessa terra não póde agora ser adquirida por menos de \$150 a \$200 o acre. As terras situadas acima dos canaes de irrigação valem de \$7 a \$15 o acre.»

Tratando das terras irrigadas pelo açude Orland, escreve George Wharton James: «Logo que estava garantida a construcção do açude, as cousas tomaram outra feição; pessoas, com intenção de se localizar, começaram a fazer indagações. O preço das terras subiu bruscamente de 15 e 20 dollars para 50, 60 e 75 dollars o acre, e dentro de tres annos para 125 e 150 dollars.»

O nordeste não será excepção: lá tambem a irrigação valorizará grandemente as terras. O Quixadá é um caso typico: as terras, irrigadas por este açude, as mais ruins e salitradas do Ceará, valiam 100\$ o hectare antes da construcção das obras de irrigação; hoje os proprietarios das mesmas não as vendem nem a 1:000\$000.

#### Desapropriação prévia das terras

Assim deverá o Governo, antes de iniciar qualquer obra, desapropriar as terras irrigaveis, com excepção das pequenas propriedades e de uma parte pequena das grandes propriedades. Construidos o açude e os canaes irrigatorios, o Governo dividirá as terras em pequenos lotes e os revenderá valorizados. Assim, voltarão novamente aos cofres publicos todas as quantias, despendidas nas obras de irrigação, que deverão ser novamente applicadas em novas obras.

Dous pontos capitaes na solução do problema deve o Governo manter sempre em mente: evitar a especulação, o monopolio da agua, impedir a especulação, o monopolio da terra. Destes dous pontos depende todo o successo social e politico da obra de combate ás seccas.

A agua do açude deve ser inherente á terra irrigada pelo mesmo açude, pertencendo aos cultivadores das terras, na proporção da posse de cada um!

As terras irrigadas pertencem ao povo e a este é que devem ser entregues!

E para que as obras de irrigação beneficiem ao maior numero possível de pessoas, os lotes de terra devem ser pequenos.

Ha quem queira que os lotes sejam grandes, para que grandes companhias, ou mesmo um grupo de pessoas, se possam dedicar em grande escala ao plantio do algodão. Discordo em absoluto desta idéa; pois taes individuos poderão construir com seus capitaes açudes e obras de irrigação por

sua conta, mediante o premio concedido pela União, e fazer suas plantações em suas terras.

As obras, construidas pelo Governo, devem beneficiar directamente ao povo e sómente a este!

A experiencia na America do Norte demonstrou que temido maior successo os agricultores que adquirem lotes menores, entregando-se sósinhos com suas familias e com mais cuidados a culturas mais rendosas. Os que compram lotes maiores, não os podem cultivar sósinhos e nem sempre obteem auxilios; assoberbados pelas dificuldades e obrigados ao pagamento de prestações mais elevadas, não prosperam.

Os lotes das terras irrigadas no nordeste devem ser de quatro e oito hectares e serão vendidos a agricultores que, de facto, vivam no lote e o cultivem, não podendo um individuo possuir mais de um lote. Estes serão vendidos parte a dinheiro e parte em 10 prestações annuaes, das quaes as primeiras serão pequenas e maiores as ultimas. Para todas essas terras devemos opportunamente promover a legislação do *homestead*.

Desapropriando de antemão as terras irrigaveis, o Governo conseguirá duas vantagens: primeiro, construir as obras com o lucro da venda das terras, e segundo, evitar os grandes latifundios, nas terras, por elle beneficiadas.

As terras irrigadas pertencem ao povo e a este é que devem ser entregues!

Os irrigadores pagarão ainda uma taxa pela agua, que consumirem, pensando eu, que esta taxa deve ser cobrada em duas parcelas: uma, modica, antes de consumir a agua, a outra, uma porcentagem sobre a safra, pagavel por occasião da colheita.

Quando o Governo tiver embolsado o valor de todas as terras de um açude, o nucleo de irrigadores se emancipará, formará uma Associação de Irrigadores, que, por uma directoria eleita, tomará a si a administração do açude, de baixo da fiscalização do Governo Federal, que, entretanto, reservará para si o dominio sobre a força hydraulica e o direito de cobrar um imposto sobre a pesca.

Os regulamentos americanos, que são excellentes, poderão ser adaptados ás nossas condições.

Já em fins de 1902, o illustrado engenheiro B. Piquet Carneiro, a cuja alta competencia e honestidade o Ceará tão relevantes servicos deve, apresentou ao Ministro da Viação um projecto de uma formação de um «Syndicato Agricola e de Irrigação», para o açude do Quixadá, o qual poderá servir de base para a definitiva organização dessas associações.

Para a construcção dessas obras se deve instituir o «Fundo de Combate ás Seccas» ou «Fundo de Irrigações», de que trata o excellent projecto do illustrado Senador Eloy de Souza, apresentado á Camara ha oito annos. Todos os dinheiros, provenientes de empréstimos, realizados para este fim, impostos especiaes, rendas e taxas das obras de irrigação, serão escripturados na rubrica «Fundo de Combate ás Seccas» e terão esta applicação especial.

#### Primeiro supprimento para o fundo

Merece os mais francos applausos a idéa patriótica do Deputado paulista Veiga Miranda, propondo que o lucro do Governo Federal na transacção do café seja, não vagamente incorporado á receita, mas destinada á construcção do Palacio do Congresso e «a outras de caracter patriótico como as que se relacionam com a commemoração do Centenario e as que visam resolver o Secular Problema do Nordeste».

Si o Deputado paulista viesse á tribuna mostrar-nos os estragos causados aos cafesaes de S. Paulo pela geada, trazendo estatísticas completas sobre a extensão da calamidade, e pleiteasse do Congresso a applicação daquelle *superavit* no soccorro á lavoura do café, eu acharia muito natural.

Mas, com o seu grande coração de brasileiro, S. Ex. não enxada sómente a estreita faixa de terra que representa. Espirito de escol, acostumado aos largos vãos do pensamento, o nosso sympathico collega, preocupado ha tempos com o Secular Problema do Nordeste, lançou suas vistas para os brasileiros, que soffrem mais e ha mais tempo, obrigados a uma vida erradia e sem socego, e que tem sido menos aquinhoados com os favores da União. E, em um gesto magnanimamente e benemerito, destina 80.000 contos para as primeiras despezas da solução do secular problema.

Ainda que o Congresso não lhe quizesse imitar o patriótico exemplo, Veiga Miranda já fez jús á eterna gratidão e a



um logar destacado no coração de todos os flagellados do nordeste.

Vem muito a propósito citar o seguinte trecho de um artigo do illustre engenheiro Arrojado Lisboa, publicado no *O Jornal*, de 17 de julho:

«O café e a borracha foram até aqui os dous factores basicos da nossa economia e podemos facilmente imaginar que, sem esses dous productos, o Brasil seria hoje um paiz ainda immensamente atrasado. Devemos, pois, reconhecer que os fazendeiros das regiões cafeeiras do Sul e principalmente o paulista, e os flagellados do Nordeste, entre todos os habitantes do paiz são os que em energia e iniciativa mais tem dado á communhão. Uma differença capital porém, é necessario enunciar. O fazendeiro de café plantava com o escravo ou com o immigrado, o nortista desbravou as florestas amazonicas por si proprio, sem o auxilio de mais ninguém. Sem o fazendeiro de café e sem o flagellado das seccas não teriamos tido recursos para nos desenvolver nem elementos para estimular a nossa importação, a base do orçamento federal. As grandes crises economico-financeiras da Nação, até antes da grande guerra, foram sempre consequencias das crises rubiacea e da hevea.

«E' comprehensivel, portanto, que se venha a olhar agora, com um pouco mais de carinho do que até aqui, para o problema do Nordeste. Isto é não somente comprehensivel mas até desejavel.»

#### Um grande emprestimo

Sempre pensei que somente por meio de um grande emprestimo seria possível dar solução definitiva ao Secular Problema do Nordeste. Assim é que em 1916, quando constava que o illustre Dr. Lauro Müller seguiria para a America do Norte com o fim de obter um emprestimo para o Brasil eu lembrei ao Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz, então Presidente da Republica, a urgente necessidade de ser accrescida áquelle emprestimo uma importancia destinada á construcção das grandes obras de irrigação no nordeste. A 8 de junho daquelle passei-lhe o seguinte telegramma:

Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, M. D. Presidente da Republica — Rio — O terrivel flagello da secca que de-de 1603 em cyclos infalliveis e fataes devasta o Ceará, obrigando seus filhos a abandonar o lar e ganhar a vida nas insalubres plagas do Amazonas, é um problema nacional ainda não resolvido. A historia registra com letras de sangue as agruras e miserias, por que passaram os cearenses nos annos da fome, para nós assignalados com cruz negra. Cortam o coração as narrativas das miserias soffridas pelos infelizes famintos no anno passado, alliviados unicamente pelos soccorros do Governo Federal e generosas esmolmas enviadas de todo Brasil. Apezar disso muitos morreram de fome. Com a secca de 1915 si freu a vida economica do Ceará profundo abalo e além do precioso capital humano perdido pela morte e emigração, a pecuaria, principal industria cearense, está aniquilada, o commercio depauperado, as propriedades agricolas desvalorizadas. Depois de alguns annos de invernos regulares o Ceará se reerguerá deste grande abatimento para ser novamente acommettido de violento flagello, que o reduzirá ainda uma vez á miseria. Neste interminavel trabalho de Sisypus tem vivido esta infeliz terra, habitada pelos parias do norte, e as novas gerações surgem fadadas a morrer á mingua em sua patria ou emigrar para o Amazonas, cujas margens estão juncadas de cadaveres de cearenses. Entretanto muitos Esta tem obtido do Governo da União favores que attingem a centenas de milhares de contos, não para salvar sua população, mas para melhoramentos materiaes. Quem vê o Rio de Janeiro com suas bellas avenidas, ricos palacios mamoreos e assistencia publica modelar, não imagina que em paiz tão opulento se morra de fome. A immigração estrangeira nos tem custado quantias avultadas. Os colonos ainda que aceitem o Brasil como patria adoptiva, não perdem sua primeira nacionalidade nem o amor á patria de seu berço. Muitos veem ao Brasil enriquecer e voltam ás suas terras com todos os seus haveres. E' justo que o Brasil custeie a immigração estrangeira, cercando os colonos de todo conforto facilitando-lhes a aquisição de terras, machinas agricolas, etc., quando nossos patricios morrem de fome? Nos momentos afflictivos a Patria contará, não com o colono, sim com o cearense, que nos campos paraguays já deu prova de seu valor, sem cujo auxilio no Acre o Barão do Rio Branco não teria alargado o territorio patrio. O Brasil antes de realizar melhoramentos materiaes, antes de colonizar suas terras devolutas, precisa garantir a subsistencia das populações nacionaes accossadas pela secca. O Ceará ficará á coberto deste flagello com a construcção dos

açudes Orós, Lavras, Poço dos Paus e Quixeramobim, com capacidade de mais de quatro bilhões de metros cubicos de agua, que irrigarão 150.000 hectares, dos quaes poderá viver no minimo uma população de 450.000 almas. Plantada de algodão esta área produzirá annualmente no minimo 100 milhões de kilos de algodão em pluma, no valor de 80.000 contos a 800 réis o kilo. As terras irrigadas pelo açude do Quixadá, pouco proprias para a agricultura, custavam antes da construcção do açude 100\$ o hectare e valem hoje mais de 1:000\$000. Com aquelles quatro açudes, avaliados approximadamente em 400.000 contos de réis o Ceará nunca mais soffrerá dos effeitos da secca. A Inspectoria de Obras contra a Secca com as minguadas verbas orçamentarias não poderá construil-os. A actual situação financeira do paiz não lhe permite dispor daquella quantia, aliás inferior ao custo de duplicação da linha da Estrada de Ferro Central, no quadriennio passado. Entretanto, a Nação tem obrigação de resolver este problema nacional, antes que sobrevenha outra catastrophe. Talvez nunca se apresente occasião tão oportuna como esta, em que a America do Norte regorgita de dinheiro que precisa ser applicado em empresas futuras. Resta, pois, ao Governo contractar com alguma empresa americana a construcção daquelles açudes mediante vantagens como desapropriações de terras por utilidade publica, garantia de juros, etc., ou então promover um emprestimo para construil-os por administração. Constando que o Exmo. Sr. Dr. Lauro Müller vae aos Estados Unidos com o fim de negociar um emprestimo para desafogar o Thesouro, julguei opportuno lembrar a V. Ex., essa medida salvadora para nosso desditoso Estado. Tenho certeza que a população da grande Nação amiga dos Estados Unidos da America subscreverá pressurosa as acções para uma empreza que, alem da garantia real que offerece aos capitaes, tem por fim o aproveitamento de grande zona algodoeira e a salvação de uma raça forte mas infeliz. Submetto esta idéa ao esclarecido criterio de V. Ex., certo da sua nunca desmentida benevolencia para com nossos infelizes patricios flagellados. Até hoje os governos só se tem lembrado da secca, quando o flagello dizima as populações, entretanto a occasião de agir é justamente no intervalo de uma calamidade para a outra. A realização daquelle plano marcará para o Ceará uma nova era de prosperidade e resurgimento de todas as suas forças. São as centenas de milhares de victimas das seccas passadas, que ora pela minha bocca imploram de V. Ex. a salvação do Ceará. E' a sorte de innumerados patricios victimas das futuras seccas, que está nas mãos de V. Ex. E' um milhão de cearenses que espera de V. Ex. este gesto patriotico, que lhe grangeará o titulo de benemerencia, que gravará o nome de V. Ex. nos corações cearenses e que chamará sobre V. Ex. as bençãos de toda uma população desprezada e infeliz. Respeitosas saudações. — Deputado *Idelfonso Athayde*.

Quando se discutia no Senado o orçamento de 1915, cogitou o benemerito Senador Alcindo Guanabara, de saudosa memoria, de apresentar uma emenda autorizando o Governo a realizar um emprestimo para a construcção das obras de irrigação do valle do Jaguaribe. Convertendo commigo a este respeito, lembrei a conveniencia de consultar o Exmo. Sr. conselheiro Rodrigues Alves, então, candidato á presidencia.

Aquelle illustre senador concordou e me pediu para fazer tal consulta.

Em longa conferencia, que fiz com o illustre conselheiro, não consegui convencel-o da necessidade urgente de ser dada uma solução ao Secular Problema do Nordeste, por meio de um emprestimo. S. Ex., achando inconveniente a apresentação da referida emenda, prometeu estudar essa questão *opportunamente*.

Entretanto, para fazer alguma coisa, o Senador Alcindo Guanabara apresentou em dezembro de 1917 ao orçamento da Viação a emenda n. 45, autorizando a contractar a construcção das obras irrigatorias do Jaguaribe sem onus. F si a morte não rouba tão espontaneo, quão bom, amigo dos flagellados do nordeste, elle certamente já teria feito mais alguma coisa em favor daquelles infelizes.

Ainda hoje penso que o unico meio de dar uma solução rapida e radical ao Secular Problema do Nordeste é a obtenção de um emprestimo para tal fim.

A rapida transformação e o completo saneamento do Rio de Janeiro exigiram leis especiaes e actos dictatoriaes. Para a prompta execução das obras de combate ás seccas deve o Congresso dar amplos poderes e medidas energicas, e habilitem o Executivo a agir com rapidez e segurança. Na cumm presidential e á testa dos negocios da Viação estão homens de provada competencia e innegavel responsabilidade, cuja acção deve ter todo o apoio e prestigio do Congresso.



O primeiro embate será o decisivo para a extirpação do mal secular.

O projecto de lei, que esta Commissão vae apresentar á consideração da Camara, deve: 1) criar um «Fundo de Combate ás Seccas», determinando os impostos destinados a este fim especial, as verbas orçamentarias, etc; 2) autorizar o Governo, dentro ou fóra do paiz, a realizar uma operação de credito e contractar a construcção das obras.

Não pedimos uma Assistencia Publica, que a uma simples telephonada accorra vertiginosa a soccorrer qualquer chilique.

Não queremos extensas avenidas, ladeadas de palmeiras imperiaes, nem ruas asphaltadas para evitar os solavancos.

Não desejamos sombrias florestas, que possamos percorrer de automovel para nos resguardar da canicula, nem estradas de ferro com trens de luxo, bitola larga e grandes deficits. Nada disso...

Não pedimos jardins á beira-mar para fazermos o footing, nem luxuosas avenidas para a exhibição do ultimo modelo de Paquin deante das vistas embasbacadas dos moços bonitos.

Não queremos nenhum theatro de marmore, onde, em um ambiente faiscante de pedrarias custosas, refestelados em commodas poltronas, possamos ouvir Caruso e admirar

Pawlova; nem elegantes casas de chá, para o flirt e o five o'clock tea.

Não desejamos nenhum Restaurant Assyrio, onde tudo, desde as decorações, as danças requebradas, os vinhos espumantes, até o ar abafadiço, cheio de perfumes finos, nos lembrem o luxo oriental; nem subvenções para a glorificação de Momo, a divindade carnavalesca.

Nada disso!...

O que queremos é agua, simplesmente agua!... Agua para garantir a nossa subsistencia e dar pão aos nossos filhos! Agua para, trabalhando e produzindo, podermos contribuir para o augmento da riqueza patria e nos livrar do secular captiveiro da secca!

Pedimos aquillo, que a Grã-Bretanha, paiz conquistador, não nega aos parias da India!

Queremos o que a Nação póde nos dar, tem o dever de nos dar!

E, para concluir, repito as palavras dos jornaes londrinos, ao tratar em 1877 da secca da India:

«Si a calamidade póde ser combatida com libras esterlinas, que comece quanto antes o combate.

«Libras esterlinas não faltam!»

Rio, 11 de agosto de 1919. — Uldersonso Albano.



